



Agrupamento de Escolas de Moura

O Agrupamento em Notícia !!!

A bebida, uma companhia questionável

Leva o copo aos lábios, dá um gole e volta a pousá-lo, as mãos fortes seguram tenuemente o objeto de vidro que reflete a luz com duas pedras de gelo no interior. Alfredo suspira inerte nos seus bêbedos devaneios. Este sujeito tão perdido é Alfredo, Alfredo Heins, é filho de um alemão e de uma portuguesa, a sua pele é pálida e castigada pelas marcas do álcool, volta e meia perguntam-lhe se é Heins, como a maionese. Apesar de ser dependente do álcool, este indivíduo está sempre bem vestido, quase como um daqueles senhores importantes. Carrega consigo um passadinho trágico, um humor depressivo e um ódio ao trabalho, mas também carrega a sua carteira da qual retira uma nota e pede mais um copo.

- Mais do mesmo, senhor Alfredo? - pergunta o empregado.

Alfredo acena que sim com a cabeça e Tiago, o empregado, enche-lhe o copo outra vez. O Tiago é um estudante universitário, trabalha naquele bar para que possa pagar as propinas. O estudante é magro e alto, usa óculos com um formato redondo, os quais ajeita após mexer no cabelo quase que como uma mania.

O empregado e o fiel cliente do bar conhecem-se há pouco mais de um mês, mas já são íntimos o suficiente para desabafar um com o outro, no entanto, o jovem nunca teve coragem para perguntar ao mais velho o que o levará a beber assim, talvez fosse medo de tocar numa ferida aberta.

Quase como se lhe lesse os pensamentos, Alfredo olha para o Tiago e pergunta-lhe:

- Não te dá curiosidade de saber o motivo pelo qual as pessoas bebem, quero dizer - faz uma pausa longa como se tivesse a pensar no que dizer a seguir - há pessoas que bebem pela diversão, outras bebem para se integrar num grupo social, outras fazem-no para afogar mágoas, nunca quiseste saber o que vai na alma de cada um? - bebe um gole para finalizar a sua pergunta.

- Talvez, senhor, porque bebe você? - pergunta com receio.

A verdade é que o Alfredo se recusava a aceitar o seu passado, recusava-se a perdoar-se a si mesmo e a tentar mudar, ele sabia que tinha errado ao cair no vício da bebida e a destruir a sua vida.

Acontecera há alguns anos atrás, começou por sair para beber uns copos com os amigos ao fim de semana e passaram a ser mais copos que dias por semana. A mulher avisou-o e voltou a avisar, ele não deu ouvidos e destruiu o casamento, não tardou muito para o tribunal lhe tirar a guarda do filho por falta de condições. Com isto, o Alfredo afundou-se numa depressão onde os copos que foram motivo de muita diversão agora eram o seu apoio. No trabalho, sentia-se num tédio profundo, trabalhava porque tinha que o fazer.

Aquela foi a última vez que viu o estudante, o Tiago acabou por sair do emprego no bar, pois tinha arranjado trabalho mais perto do seu apartamento arrendado. O mesmo e velho Alfredo continuava no bar a pedir os seus habituais copos de apoio emocional e pensava para si mesmo que, no fundo, a bebida sempre é uma companhia.

Lara Paulino, 12^º B

CONTOS...

Solidão

Tudo isto começa num pensamento que se manifesta sempre que me encontro angustiada, ou seja, só. É como se fosse uma maldição que eu tento combater cada vez que aquele se instala na minha cabeça.

Quando me sinto sozinha também sinto medo, não o tipo de medo de um sentimento sem fim, mas sim o tipo de medo de alguém saber que eu me sinto sozinha. Imaginar que alguém conhece as minhas fragilidades, torna-me ainda mais frágil, e por isso, prefiro sentir o vazio que os meus pensamentos me provocam do que não sentir nada. Ainda assim, isso não me tranquiliza, e por isso, questiono-me sucessivas vezes se isto realmente vai passar, qual será o melhor remédio que cure esta ansiedade?

Por outro lado, há momentos em que me contento estar sozinha, não que passe a gostar dessa sensação, mas porque ela faz-me sentir um pouco segura em relação ao mundo a que pertencemos. A necessidade de saber como devo continuar a agir com certas atitudes da sociedade é algo inevitável, é algo que provoca solidão, no entanto é preciso. Como diz o velho ditado "mais vale só do que mal-acompanhada", em certos momentos.

Toda esta solidão é confusa. Como é que é suposto sentir-me vazia e ao mesmo tempo com todos os sentimentos possíveis e imaginários, será que a até a sentir-me sozinha sou sozinha? Por vezes, tento convencer-me que é assim que um jovem se deve sentir, ou então, tento apenas enquadrar-me naquilo que a sociedade diz que um jovem deve sentir, para que no final do dia possa sentir que não estou de todo sozinha. É por isso que me comporto como se o mundo fosse acabar amanhã, é por isso que vou a sítios que os jovens costumam ir, mesmo sabendo que não estou lá por inteiro, mas pelo menos estou a sentir o que um jovem deve sentir.

Continuo sem saber o que fazer, a esperança de o dia de amanhã ser melhor é inútil, talvez a melhor maneira de não sentir esta solidão, seja convencer-me de que esta sempre é uma companhia.

Carolina Lampreia, 12^º A

